

## **Gênero, Sexualidade, Religião e Raça em Pessoas (Con)Vivendo com o HIV: a Interseccionalidade a Partir de Influenciadores Digitais Positivos.<sup>1</sup>**

Nivaldo Cesar de Souza Junior <sup>2</sup>

### **Resumo**

Os influenciadores digitais ocupam um importante espaço nos debates online. Por meio de seus perfis essas pessoas produzem e compartilham conteúdo para um determinado nicho no qual vão construindo sua autoridade sobre o tema. Nossa pesquisa decidiu olhar para influenciadores que abordam a temática do HIV/AIDS a partir de suas experiências enquanto pessoas vivendo com HIV. Identificamos por meio de reportagens, influenciadores, que são reconhecidos por tratar de suas vidas enquanto pessoas diagnosticadas com o vírus, para observar quais são as principais questões que atravessam seus cotidianos. Desta forma, por meio da perspectiva da interseccionalidade analisamos os perfis no Instagram de influenciadores vivendo com a HIV, observamos como estes se apresentam a seus seguidores e os principais temas abordados em suas postagem no período observado.

### **Palavras-chave**

Pessoas vivendo com HIV; Interseccionalidade; Influenciadores Digitais; Análise de Conteúdo; Sexualidade.

### **1. Introdução**

O presente texto foi construído a partir da observação, na rede social Instagram, da atuação de influenciadores digitais que vivem com HIV. Nos interessa saber se estes abordam essa condição (sorologia positiva) como tema central de suas postagens nesta rede ou se produzem conteúdo sobre outras temáticas, sendo neste caso, interessante conhecê-las. Foram analisados 18 perfis selecionados a partir de matérias jornalísticas que tinham como tema a indicação de pessoas que vivem com HIV, as quais utilizam a internet para apresentar a realidades delas, em muitos casos, para além de questões de prevenção sobre a doença, mas sim sobre o que é este viver com HIV, um vírus muitas vezes acompanhado de tanto estigma e medo.

Os estudos sobre a AIDS que abordam processos comunicativos e a dimensão simbólica da doença, sobretudo a partir das perspectivas de pessoas vivendo com HIV são oportunidades de diálogo entre os saberes da Comunicação e da Saúde. Por meio de pesquisas sobre esta temática, alguns achados importantes já foram identificados e novas perguntas

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na modalidade Comunicações Livres, atividade integrante do XVIII Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e de Relações Públicas.

<sup>2</sup> Mestre e doutorando em Comunicação Social, UFMG, e-mail: nivaldo.souzajr@gmail.com.

surgem com frequência, sobretudo pelas dinâmicas sociais que estão em constantes transformações, além de descobertas científicas e boatos em torno da doença.

Em um desses estudos, Pereira (2017) aponta para os “efeitos visíveis e invisíveis da discriminação no emprego” como algo que faz parte da realidade das pessoas vivendo com HIV no Brasil. Dentre esses efeitos está muito comumente descrita a estigmatização. Fraga (2019) observou que “em função do receio do estigma da Aids”, casais heterossexuais grávidos, de camadas populares e que convivem com a infecção, criaram estratégias para a ocultação do diagnóstico HIV positivo. Neste estudo foi possível observar questões relacionadas ao gênero que afetam a prevenção à AIDS em casais sorodiscordantes (quando apenas um dos dois tem o vírus). Da mesma forma, Barroso (2020) em estudo o qual se dedicou a realização de uma revisão da literatura sobre a produção científica a respeito da Mulher e o HIV, encontrou como achados, informações que esclarecem aspectos esclarecedores sobre a vulnerabilidade das mulheres ao HIV, e dentre eles está a desigualdade de gênero materializada nos problemas quanto a não conseguir negociar com os parceiros o uso dos preservativo, bem como a “dimensão social e simbólica do amor romântico, do casamento e da maternidade, os significados diferenciados da sexualidade para homens e mulheres e a fragilidade quanto aos direitos sexuais e reprodutivos”, dentre os fatores que deixam as mulheres em situação de maior risco de infecção (Barroso, 2020, p.80).

Além disso, Souza, Maksud e Gaudenzi (2018) após observarem narrativas/comentários em dois blogs voltados às pessoas vivendo com HIV, relatam as consequências psicológicas e sociais de pessoas que desenvolvem alterações corporais em decorrência do uso prolongado de medicamentos para tratamento da doença (antirretrovirais), tais alterações, como a lipodistrofia, por terem uma aparência própria, permitem que terceiros identifiquem a condição de pessoa vivendo com HIV e os deixam em situação de vulnerabilidade à estigmatização, como os pesquisadores esclarecem na conclusão do estudo.

A questão do tratamento é também abordada por Nilo Fernandes (2013), o qual explica sobre a atuação dos profissionais de saúde e os problemas evidenciados por uma conduta centrada no medicamento e não no indivíduo, com abordagens que não impactam na “falta de informação sobre sexualidade na família e nas escolas e nos conhecimentos distorcidos sobre a transmissão do HIV e suas formas de prevenção”, além de situações absurdas de despreparo em consultas, com falas homofóbicas de médicos (NETO, 2015, p.99-100). Também são apontados problemas relacionados à forma “como o resultado é comunicado para as pessoas por estes profissionais, e a ausência de apoio para ajudar na revelação do diagnóstico a parceiros e/ou familiares” (FERNANDES, 2013, p. 201).

Considerando esse cenário em que as pessoas vivendo com HIV são frequentemente discriminadas, nos interessa na elaboração deste estudo o conceito da interseccionalidade, uma vez que por meio desta, construiremos uma abordagem capaz de observar os atravessamentos que compõem a existência dos indivíduos. Desta forma, esses influenciadores e influenciadoras são potencialmente, na rede social Instagram, ativistas da causa da luta contra a AIDS e possivelmente utilizam a internet para dar visibilidade às suas reivindicações, como forma de resistência, de ressignificação de experiências e de enfrentamento ao preconceito e ao estigma, bem como para acolher outras pessoas vivendo com HIV.

## **2. A Interseccionalidade: A Inovadora Contribuição das Intelectuais Negras**

### **2.1 Superando Análises Unidirecionais e Apontando Caminhos**

O desafio a que somos apresentados a partir das contribuições de autoras feministas negras é o de superar análises que partem de categorias únicas como forma de explicar e combater maneiras diversas de opressão. A partir dessas contribuições, uma nova forma de olhar foi proposta pela interseccionalidade, termo cunhado por Kimberlé Crenshaw nos anos 1990, nos permitindo ampliar as perspectivas de análises e contemplar e compreender com mais justiça sujeitos sempre desfavorecidos.

Arquitetado no domínio jurídico e dos direitos civis pela professora Kimberlé Crenshaw (1989, 1991), o conceito de interseccionalidade surge após amplo e complexo debate no campo dos movimentos sociais. Precedido pela “liberdade indivisível” de June Jordan (1992, p. 190), dos lugares fronteiriços da resistência latina de Gloria Anzaldúa (1987), da articulação tríplice entre “mulher, raça e classe”, de Angela Davis (1981) e da perspectiva feminista poética de Audre Lorde (1984), o conceito adquire potência e articulação em torno da justiça social antes de ser integrado aos espaços acadêmicos de legitimação (CARRERA, 2021, p. 4).

Crenshaw parte de lutas por direitos no âmbito do trabalho para nos apresentar como mulheres negras estão sempre em desvantagem em relação a outros grupos. Ora essas mulheres estão em segundo plano diante de homens negros, ora diante de mulheres brancas. As medidas que tentam combater respectivamente racismo e machismo, segundo Crenshaw, privilegiam respectivamente as necessidades de homens negros em detrimento das mulheres negras e das mulheres brancas, da mesma forma, colocando em segundo plano as mulheres negras. Assim observa-se indivíduos desprestigiados dentro de um mesmo grupo de oprimidos.

Em outras palavras, o paradigma da discriminação sexual tende a se basear nas experiências das mulheres brancas; o modelo de discriminação racial tende a se basear nas experiências dos negros mais privilegiados. As noções do que constitui discriminação racial e sexual são, como resultado, estritamente adaptadas para abranger apenas um pequeno conjunto de circunstâncias, nenhuma das quais inclui discriminação contra mulheres negras (CRENSHAW, 1989, p. 151, tradução nossa).

A autora também se utiliza da metáfora do cruzamento de avenidas para explicar como mulheres negras são atingidas em múltiplos sentidos e o quanto não é simples identificar uma causa única para sua condição de vítima dessas situações, uma vez que a matriz de opressões sobre as mulheres negras não se trata de um somatório de opressões por serem mulheres e por serem negras, é um novo locus de problemas sociais, “...mulheres negras falam de um lugar de subjugação apartado e muitas vezes ignorado” (CARRERA, 2021, p.4).

Portanto, trazemos a conceituação de Collins e Bilge (2021) para o termo interseccionalidade, apresentando não só o potencial analítico do termo, mas sobretudo sua percepção de como as desigualdades sociais se baseiam na junção de diversas categorias, frutos da diversidade social de nossa sociedade:

A interseccionalidade investiga como as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como as experiências individuais na vida cotidiana. Como ferramenta analítica, a interseccionalidade considera que as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária - entre outras - são inter-relacionadas e moldam-se mutuamente. A interseccionalidade é uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas. (COLLINS; BILGE, 2021, p. 15-16).

Logo, podemos afirmar que Collins e Bilge destacam que essas categorias (classe, gênero, raça, orientação sexual, nacionalidade, dentre outras) se sobrepõem e manifestam-se de maneira unificada, proporcionando relações interseccionais de poder que afetam todos os aspectos do convívio social.

Cabe destacar, como as próprias autoras resgatam em seu texto “O que é Interseccionalidade?” (COLLINGS; BILGE, 2021), que antes mesmo deste conceito ser nomeado por Crenshaw, o movimento feminista negro brasileiro já identificava a insuficiência de movimentos sociais que atuavam de forma a combater uma única categoria de opressão. Mesmo que sem utilizar uma nomenclatura tão bem delineada como o fez Crenshaw, Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro, dentre outras feministas negras, em 1975 em pleno contexto de Ditadura Militar do Brasil, pautaram questões interseccionais no Congresso das Mulheres

Brasileiras, por meio do Manifesto das Mulheres Negras. Ainda segundo as autoras, restou as mulheres negras criar um movimento próprio para tentar resolver as questões específicas delas, pois a “...vivência da mulher negra no Brasil, no cruzamento de racismo, sexismo, exploração de classe, cidadania de segunda classe e heterossexismo, tinham pouco reconhecimento” (COLLINS; BILGE, 2021, p. 44).

A partir deste momento, resta-nos aproximar essa perspectiva interseccional dos estudos em Comunicação, para compreender as dimensões discursivas e simbólicas das interações, as produções midiáticas, dentre outras abordagens que são caras a nossa área. E nesse sentido, a proposta metodológica da Roleta Interseccional de Fernanda Carrera (2021) lança luz sobre as possibilidades de interpretações de fenômenos interseccionais, até porque como a autora destaca, não é suficiente reconhecer as desigualdades, correndo o risco de abordagens superficiais e meramente descritivas, desta forma é preciso que

...qualquer delineamento metodológico para pesquisas nesse conceito, se ajustado à teoria fundamental e às suas bases sociais, deve ser comparativo, complexo e emanar ares de manifesto e denúncia, porque seu princípio é, irremediavelmente, o da justiça social (CARRERA, 2021, p.5).

Sendo assim, Carrera nos apresenta um instrumento que avança metodologicamente ao usar a metáfora das cores para representar eixos de opressão que se iluminam quando observarmos um determinado objeto identificamos as subordinações a que este está relacionado, e além disso, percebemos como a união de dois ou mais eixos geram produtos novos mais complexos do que meramente o somatório das opressões relacionadas a estes eixos separadamente, corroborando com a ideia trazida anteriormente por Kimberlé Crenshaw, sistematizadora da teoria da interseccionalidade.

É dentro dessa perspectiva que este trabalho tenta propor um olhar metodológico interseccional para os estudos em Comunicação, ao compreender que há especificidade constitutiva nas “interseccionalidades representacionais” e as mesmas carecem de escrutínio científico próprio. (CARRERA, 2021, p.6).

O uso das hastes da roleta interseccional ao nosso ver é a explicitação das opressões vivenciadas e que merecem ser analisadas. Carrera aposta nesta metodologia para auxiliar na construção de perguntas que contribuirão para explicar o quão prejudicial é ou são as opressões observadas e as marcas que se percebem nos discursos dos sujeitos marginalizados, bem como a causa de seus silenciamentos (CARRERA, 2021).

## **2.2 Apropriação Do Instrumento Da Roleta Interseccional: A Haste Da Sorologia Positiva.**

Considerando as contribuições de autoras como Crenshaw, Collins & Bilge e Carrera, podemos afirmar que as opressões vivenciadas por cada um dos eixos, representa apenas uma fração de toda experiência de subordinação vivenciada por indivíduos atravessados por múltiplas avenidas identitárias (CRENSHAW, 1989).

Assim, compreendemos que as pessoas vivendo com HIV, por sua vez, estão sob este particular eixo de opressão ligado à sua sorologia. Ou seja, se olharmos para as experiências de uma pessoa negra e/ou LGBTQIAPN+ e/ou gorda e não considerarmos o fato dela também viver com HIV, estaremos negligenciando aspectos de sua existência que merecem atenção, por também se configurarem como privações de direito, subordinação, estigmatização e mesmo exclusão na sociedade, como é observado ao longo da história discriminatória da AIDS.

Uma pessoa negra pode ser amparada por leis antirracistas e ter seu emprego garantido por uma política de cotas raciais da empresa, mas esta mesma pessoa se viver com HIV, em caso de optar por informar sobre sua sorologia positiva, apesar da garantia do sigilo, pode se deparar com situações de exclusão no trabalho, como aponta Pereira (2017). Da mesma forma, a pessoa LGBTQIAPN+ pode ter seus direitos defendidos pelos movimentos de liberdade sexual, mas a condição de viver com HIV pode dificultar ter relacionamentos afetivos a partir do momento que ela declara viver com o vírus (FERNANDES, 2013). Pessoas negras podem almejar emprego, pessoas LGBTQIAPN+ podem conseguir ter parceiros estáveis, mas um homem negro gay vivendo com HIV pode ter estar complementamente à margem da sociedade. E é por isso, que defendemos, infelizmente, o diagnóstico de HIV como uma possível haste da roleta interseccional proposta por Fernanda Carrera (2021) dado as discriminações vividas pelas pessoas que vivem com o HIV. É óbvio que continuamos a viver sob a realidade do racismo estrutural e de outras discriminações como a homofobia, resultando inclusive em assassinatos de da juventude negra e de pessoas LGBTQIAPN+.

Contudo, como apontado por Crenshaw (1989), as políticas antidiscriminatórias que se baseiam em uma única forma de opressão, em detrimento de uma proposta interseccional, mesmo que se de alguma forma possam parecer contemplar indivíduos sob uma específica forma de opressão, essas leis acabam por privilegiar apenas aqueles indivíduos livres de outras formas adicionais de subordinação, uma vez que estes não são afetados por questões que complexificam a vida de indivíduos atravessados por múltiplas matrizes de opressão.

Desta forma, para seguirmos nossa pesquisa definimos como pergunta norteadora: em que medida o viver com HIV silencia ou é silenciado por outras formas de opressão nas postagens de influenciadores digitais no Instagram?

### 3. Metodologia

Ao analisar cinco reportagens que indicavam influenciadores digitais vivendo com o HIV, identificamos 20 perfis, descartando as contas privadas. Além disso, a partir do uso da roleta interseccional proposta por Carrera (2021) priorizamos cinco destes influenciadores, considerando os eixos de opressão relacionados ao gênero, orientação sexual, raça e religião.

Diante deste grupo selecionado, propomos uma avaliação que se deu com a construção de uma matriz analítica com perguntas que foram utilizadas para se investigar os perfis em busca de elementos que ajudassem a respondermos a questão norteadora deste trabalho.

Destacamos que apesar da priorização, avaliamos no *Instagram* as *bios* de todos os 20 perfis públicos sugeridos nas reportagens, por meio de análise exploratória. Por outro lado, considerando os cinco perfis priorizados por meio da roleta interseccional, procedemos uma análise descritiva qualitativa, acompanhando todas as publicações deste influenciadores no mês de maio. Nossa matriz analítica se divide em dois eixos: análise das identidades e análise das publicações. Conforme descrito a seguir:

Matriz analítica:

A) Eixo: análise das identidades - bio do Insta

- 1) Descrição encontrada na bio do Insta
- 2) O autor do perfil se identifica pelo seu nome ou utiliza um outro nome para o perfil?.
- 3)A bio traz alguma menção à temática do HIV/Aids?
- 4)O perfil se identifica como pessoa vivendo com HIV?
- 5)A bio traz alguma menção ao ativismo/militância à causa da AIDS?
- 6)Há menção à orientação sexual?
- 7)Há menção à raça/etnia?
- 8)Há menção à idade do(a) proprietário(a) do perfil?

B) Eixo: análise das publicações

- 9)A pauta da AIDS é abordada para discutir prevenção?

- 10) Falam sobre receber o diagnóstico de AIDS e sobre compartilhar com outras pessoas sua condição?
- 11) A pauta da AIDS aborda acesso a serviços de saúde/tratamentos?
- 12) A pauta da AIDS aborda estigma? A pauta da AIDS aborda relações e situações no campo profissional/emprego?
- 13) A pauta da AIDS aborda o convívio social?
- 14) A pauta da AIDS aborda boatos/fake news/desinformação sobre a doença?
- 15) data da última postagem

#### 4. Resultados

Nossa pesquisa teve um caráter exploratório e descritivo ao analisar os perfis selecionados para nossas avaliações. A observação dos perfis em um mês que não dedicado à luta da AIDS e IST 's foi algo positivo, pois tira o viés que estas datas podem trazer aos conteúdos explorados mais frequentemente pelos influenciadores. A discrepância no número de publicações no período é uma limitação da investigação, ao mesmo tempo que aponta para influenciadores mais engajados do que outros.

Tabela 1 - Influenciadores indicados nas reportagens

| Influenciadores                    | Autodescrição encontrada na bio do Insta  |
|------------------------------------|---|
| Daniel Fernandes<br>@prosapositiva | Prosas   Criador(a) de conteúdo digital   Por @dannndes<br>🎧 Spotify - YouTube 📺<br>Falar de tabus e coisas do cotidiano! Ultrapassar preconceitos com informação. Vamos prostrar?<br><a href="https://youtube.com/channel/UCvORuPRYH92ZGHRxb3OugoQ">youtube.com/channel/UCvORuPRYH92ZGHRxb3OugoQ</a>   |
| David Oliveira<br>@eu.soudavid     | David Oliveira   ele/dele   Criador(a) de conteúdo digital<br>Doses de Vida ❤️   Preto, gay, cristão e VIVO com HIV 🏳️‍🌈<br>Palestrante, Educador e Transformador social<br>CONVITES: dosesdevida.contato@gmail.com<br><a href="http://www.estadao.com.br/saude/apos-descobrir-hiv-aos-25-influencer-digital-ajuda-outros-com-a-doenca-nao-e-sen">www.estadao.com.br/saude/apos-descobrir-hiv-aos-25-influencer-digital-ajuda-outros-com-a-doenca-nao-e-sen</a> |
| Diego Krausz<br>@diegokrausz       | ele/dele   Artista   🟡 Ator. Comunicador. Bruxo e fazedor de DIY<br>🔹 Um produtor de conteúdo por ai   🌿 MEUS LINKS :<br><a href="https://instabio.cc/21130h0nGzD?fbclid=PAAaZkzDh3fIEQ7_NeBpZtCyXmkJXMBHo-LLodSezKLMsGLFRkn4qz7gIOvPI">instabio.cc/21130h0nGzD?fbclid=PAAaZkzDh3fIEQ7_NeBpZtCyXmkJXMBHo-LLodSezKLMsGLFRkn4qz7gIOvPI</a>  |
| Drew Persí<br>@drewpersi           | 👤 Ator, diretor e Youtuber   #vivocomhiv #hivpositive   📖 AUTOR DO LIVRO VIDAS   Parcerias: contatoentreato@gmail.com<br>🖨️ SAIBA MAIS 📄 <a href="https://bit.ly/redesdodrew">bit.ly/redesdodrew</a>  |

|  |   |
|--|---|
| Gabriel Comicholi<br>@gabrielcomicholi   | - ator, produtor, criador de conteúdo, comunicador   #HIV+ 🏳️🌈   📍 sp<br>gabizinho@twcomunicacao.com.br   |
| Gaê - Gabriel Estrela<br>@somdegae       | Gaê   ele/dele   Artista   🎤 Cantor e compositor   Escritor e dramaturgo<br>🎨   🎭 Improvisador e artista marcial 🇧🇷   Um pouco de tudo e muita<br>coisa sobre nada   Conheça meu trabalho: linktr.ee/somdegae                                   |
| Guilherme Lima<br>@psi.guilima           | Gui Lima   Psicólogo HIV+   Psicólogo<br>▲ Saúde Mental, pessoas com HIV/AIDS, soronegativos<br>♦ Atendimento on-line e presencial (RJ)<br>★ Agende uma sessão no link abaixo 📄 <a href="https://linktr.ee/psiguilima">linktr.ee/psiguilima</a> |
| Jeniffer Besse<br>@bessejj               | Figura pública   ❤️ Sereia de bem com a vida   🍁 Cultivo BR Individual<br>PAUSADO 🚫📺   🍊 Redução de danos @sereiasathiva<br>🌊 CLUB MERMAIDS   📍 ATLANTIC OCEAN - USA 🌍<br> linktr.ee/Bessejj  |
| João Geraldo Netto<br>@superindetectavel | Super Indetectável • Respira fundo! Pela frente ainda tem muito mundo.<br>Agora pode não estar, mas tudo pode ficar bem.<br>#Sexualidade 🏳️🌈   #DireitosHumanos 🤝   #HIV 🩸<br>linktr.ee/SuperIndetectavel                                       |
| Leandro Bueno<br>@lbuengo                | Artista   📧 <a href="mailto:contato.lbuengo@gmail.com">contato.lbuengo@gmail.com</a>   escute meu album MUNDO<br>POSITIVO   ditto.fm/mundo-positivo   |
| Lili Nascimento<br>@psciani              | Lili Nascimento<br>* <b>Psicólogo</b> * <b>Artista</b> * <b>Produtor cultural</b> *<br>...que nos haja alento ao invés de tormenta!<br>dwa.visualaids.org   |
| Lucas Raniel<br>@lucasrael_              | Lucas Raniel - Vivo com HIV 🩸   Criador(a) de conteúdo digital<br>🩸 @vivocomhiv   🗣️ Comunicólogo / Palestrante / Consultorias<br>📍 São Paulo   📄 Trabalhos e Publicidade: lucas@tambor.biz<br>www.youtube.com/falomemo                         |
| Marina Vergueiro<br>@marina_vergueiro    | Marina Vergueiro   🏳️🌈 [ELA] poeta   diretora de "Cartas Pra Mim"   autora<br>de "Exposta"   jornalista na @agenciaaids   linktr.ee/marinavergueiro   |
| Matheus Emílio<br>@memiliosilva          | 📊 I Analista de Projetos   🏳️🌈 I Diretor na Parada do Orgulho LGBT de<br>SP @paradasp   ⚖️ I Bacharel em Direito  |
| Murilo Araújo<br>@muropequeno            | Criador(a) de conteúdo digital   • vivências negras LGBTQIAP+ 🤝🏳️🌈<br>• a(fê)to e autocuidado 🌱☀️ - muropequeno@brunch.ag<br>youtube.com/playlist?list=PLruVqWRmH5ccu3KwN-74xp5GYs2EtJ5bJ   |
| Pisci Bruja<br>@piscibruja               | Pisci Bruja<br>Transpóloga, Educadora & ciclista // TRANSpologist Educator and cyclist<br>@hospitalemilioribas<br>Arte, HIV e Cura.   |
| Silvia almeida<br>@silviaadalmeida       | Palestrante. Consultora em prevenção ao HIV/AIDS. Ativista na luta<br>contra a AIDS. Promotora de Saúde sexual e Reprodutiva e Saúde do<br>Homem.<br>www.silviaalmeida.com  |

|  |   |
|--|---|
| Thais Renovatto<br>@thaisrenovatto         | Autor(a)   📖 Palestrante e Autora do Livro 5 anos Comigo<br>🌱 Embaixadora Projeto Criança Aids @pcaids   🗣️ Websérie<br>#osomdasdecadas   ✉️ Assessoria: @agencia.blessed<br>agenciaaids.com.br/artigo/o-prazeroso-desafio-de-ser-mae-e-hiv |
| Valéria Polizzi<br>@valeria_piassa_polizzi | Valéria Piassa Polizzi (São Paulo, 1971) brasileira. autora, entre outras obras, do livro Depois daquela viagem,  |
| Vanessa Campos<br>@soroposidhiva           | Vanessa Campos 🍷   ela/dela   Ousando exercer direitos sexuais e reprodutivos   HIV+ desde 1990   Feminista e militante em HIV/AIDS<br>linktr.ee/Soroposidhiva  |

Em relação ao eixo análise das identidades destacamos que dos 20 perfis analisados (Tabela 1) apenas seis se identificam como “pessoa vivendo com HIV” na bio do *Instagram*. Outra questão importante é se a temática da AIDS já aparecia na descrição das biografias e em 10 perfis foi identificada menção a AIDS, mas quando observamos se essa menção fazia jus a alguma espécie de ativismo, apenas sete dos 20 perfis trouxeram tal característica claramente.

Sobre a orientação sexual, 8 perfis faziam alguma referência a orientação, todos destacando pertencer ao grupo LGBTQIAPN+, sendo que desses seis utilizaram algum emoji, sobretudo do arco íris, para destacar a sexualidade.

Contudo, em relação à raça, apenas os influenciadores Murilo Araújo e David Oliveira fizeram referência a serem pessoas negras. Os demais não fizeram qualquer menção à sua raça.

Ademais, em relação à idade, apenas Valéria Polizzi fez menção ao seu ano de nascimento. Contudo, nas reportagens utilizadas para identificar os influenciadores foi possível saber a idade da maioria deles e foi um ponto considerado no momento da priorização com a roleta interseccional.

A roleta interseccional nos levou a seleção dos perfis @psciani, @eu.soudavid, @soroposidhiva, @piscibruja e @muropequeno. Questões de gênero, raça e orientação sexual e eventualmente a idade, fizeram com que estes perfis se destacassem em relação aos demais.

Tabela 2 - Influenciadores selecionados pela roleta interseccional

| Influenciador(a) | Perfil       | Características   |
|------------------|--------------|---|
| David Oliveira   | @eu.soudavid | Homem gay, negro, cristão, 31 anos, comunicador social, trabalhador do Centro de Referência da Diversidade de São Paulo |

|                 |                |  |
|-----------------|----------------|--|
| Lili Nascimento | @psciani       | Mulher negra, 32 anos, artista que integra um coletivo HIV+, nasceu com HIV (transmissão vertical), desde a infância sabe de seu diagnóstico e entendia a necessidade de tratamento. |
| Murilo Araújo   | @muropequeno   | Homem negro, gay, católico, 32 anos  |
| Pisci Bruja     | @piscibruja    | Travesti, branca, 34 anos, Mestra em Antropologia Social pela, pesquisadora, co-idealizou a Coletiva Loka de Efavirenz,  |
| Vanessa Campos  | @soroposidhiva | Mulher lésbica, branca, 50 anos, HIV+ desde 1990, ativista.  |

A análise dos perfis mostrou que muitos deles não se identificam como pessoas vivendo com HIV, nem relacionam seu perfil à temática da AIDS logo na biografia. Ademais, a pesquisa não identificou, no Instagram, para a maioria desses influenciadores, um engajamento com a causa da AIDS em suas publicações analisadas, a exceção foi o perfil @eu.soudavid em que percebemos um forte ativismo à adesão ao tratamento, resignificado como “doses de vida”. Contudo, em relação aos demais perfis, é relevante destacar que eixos de opressão como racismo, misoginia e homofobia foram identificados por meio da rejeição às práticas que os perpetuam em algumas publicações observadas.

Figura 1 - Postagem de Lili Nascimento sobre a produção de um filme



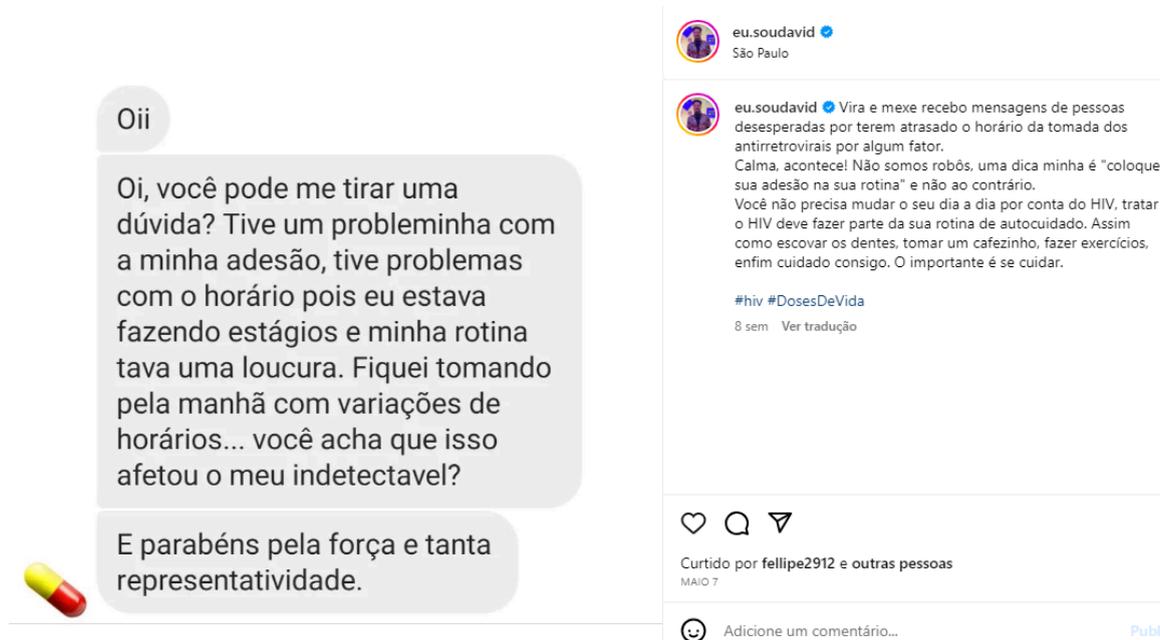
Fonte: Perfil de Lili Nascimento no Instagram

O perfil de Lili Nascimento (@psciani) é um dos mais heterogêneos em relação às temáticas observadas nas publicações, porém foram apenas quatro publicações no período

observado, não sendo um dos perfis mais engajados no Instagram. A artista que foi infectada pelo vírus por meio da transmissão vertical transita entre os temas do tratamento (efeitos colaterais e adesão), expressões artísticas junto ao coletivo do qual participa. Também aborda o tema da infância com HIV. Além de divulgar sua atuação diferenciada como psicóloga. Elementos de matriz africana são usados eventualmente também em suas postagens, mais uma vez reforçando o caráter artístico de algumas de suas publicações.

Como antecipamos anteriormente, o perfil de David Oliveira (@eu.soudavid), homem gay, negro e cristão, se destacou por abordar fortemente a questão do tratamento. Foi o perfil com maior número de publicações no período, sendo ao todo 28 postagens, a maioria vídeos. A abordagem sobre a adesão ao tratamento perpassa a questão da ressignificação da relação dele com o tratamento do HIV. Seu bordão característico “doses de vida” se refere ao sentimento de sobrevivência, esperança e de luta pela vida. Neste perfil foi possível observar a interação de David com outros influenciadores que vivem com o HIV. Inclusive ele é um dos poucos que se apresenta como HIV positivo na bio do Instagram. Eventualmente observamos alguma publicação voltada para a vida privada de David. Mas outro ponto em que ele se destaca é na interação com seguidores como podemos ver a seguir.

Figura 2 - Postagem de David Oliveira



Fonte: Perfil de David Oliveira no Instagram

Já em relação ao perfil @soroposidhiva de Vanessa Campos, destacamos que foi um perfil com poucas publicações também, foram apenas três, mas com uma abordagem mais

feminista, já na bio ela anuncia “Ousando exercer direitos sexuais e reprodutivos”. Vanessa, assim como Daivid, logo na bio se apresenta como pessoa vivendo com HIV desde 1990. Ela se destaca entre os influenciadores por ser uma mulher acima dos 50 anos e ter vivenciado a primeira década do HIV/AIDS, onde a questão do diagnóstico de HIV tinha ares de sentença de morte. Inclusive em uma das reportagens a que tivemos acesso, ela afirma que no momento que soube de seu diagnóstico, aos 20 anos, pensou que não chegaria ao seu próximo aniversário por conta de ter contraído o vírus. As publicações que analisamos de Vanessa abordam temas como feminismo, misoginia, homofobia no futebol, sobre o desejo de viver, Rita Lee, destacando o pioneirismo da cantora em falar sobre a AIDS e é claro sobre viver com HIV e o medo da doença.

Figura 3 - Postagem do perfil Soroposidhiva



Fonte: Perfil Soroposidhiva de Vanessa Campos no Instagram

Um dos perfis que desde o início de nosso estudo nos gerou mais expectativa foi o de Pisci Bruja (@piscibruja), travesti, antropóloga, pesquisadora, ativista, ocupa um lugar na academia em que vemos poucas pessoas travestis como ela. Mas infelizmente no Instagram sua atuação foi bem modesta. Ela aborda temas como saúde integral, estudos clínicos sobre vacina para o HIV, consulta médica e sobre a necessidade de se conhecer a realidade dos pacientes. Contudo foram apenas duas postagens no período observado.

Figura 4 - Perfil de Pisci Bruja



piscibruja

Seguindo ▾

Enviar mensagem



45 publicações

4.044 seguidores

2.183 seguindo

**Pisci Bruja**

Transpóloga e Educadora // TRANSpologist and Educator

@hospitalhcfmusp e @hospitalemilioribas

Art, HIV and CURE @hope\_collaboratory

Fonte: Perfil de Psici Bruja no Instagram

O último perfil analisado mais completamente foi o de Murilo Araújo (@muropequeno). Um primeiro ponto que chama atenção sobre Murilo é que ele se declara negro, gay e católico, características que o aproximam do outro influenciador, David. Murilo abordou, no período observado, temas como racismo, o PL das *fake news* e desinformação, divulgou um empreendimento gerenciado por negros, teve também uma publicação sobre um relacionamento amoroso. Contudo, foram apenas quatro publicações no período observado. Cabe destacar que Murilo foi um dos influenciadores citados nas reportagens por conta de seu canal no Youtube, podendo ser esta outra rede seu espaço de maior engajamento.

Figura 5 - Perfil Muro Pequeno de Murilo Araújo



muropequeno



Seguindo ▾

Enviar mensagem



535 publicações

67,3 mil seguidores

4.913 seguindo

**Murilo Araújo**

Criador(a) de conteúdo digital

• vivências negras LGBTQIAP+ 🏳️‍🌈

• a(fé)to e autocuidado 🌱☀️

- muropequeno@brunch.ag

[youtu.be/XZmWGZXIRQQ](https://youtu.be/XZmWGZXIRQQ)

Fonte: Perfil de Murilo Araújo no Instagram

Após as descrições acima, apontamos que a observação das postagens trouxeram informações novas sobre os influenciadores, não observadas no momento de análise das biografias (eixo das identidades). A raça e a orientação sexual demarcou algumas das postagens observadas mostrando a relevância desses marcadores sociais da diferença na identidade de alguns influenciadores. A raça, por exemplo, foi uma questão observada nos perfis de pessoas negras David, Murilo e Lili Nascimento, apesar desta última não ter feito menção a negritude em sua bio.

Em relação a questão da AIDS ser observada nas postagens, o número reduzido de postagens de quatro dos cinco influenciadores observados prejudica nossa análise. Mesmo assim, em quatro dos cinco (a exceção é o Murilo Araújo) é possível observar alguma menção

à doença, mesmo que de forma mais discreta, como ocorre em uma única postagem do perfil de Lili Nascimento. Assim, tendemos a afirmar que a realidade de viver com o HIV está ali atravessando os perfis da maioria deles. Lili explora a expressão artística para falar do que foi ser uma criança com HIV. Psici enquanto pesquisadora e ativista aborda a questão de desenvolvimento de vacina contra esse vírus. Já David e Vanessa Campos demonstram de formas diferentes, a sua alegria em ainda estar vivo(a). Apenas Murilo, no período observado, não deixou indícios no Instagram sobre sua condição de pessoa vivendo com HIV e nem de um ativismo relacionado à AIDS.

Novos estudos podem partir desses achados iniciais para avaliar a atuação deste grupo em outras redes sociais e mídias digitais. Sobretudo porque alguns desses influenciadores são mais conhecidos por sua atuação no Youtube. A escolha pela rede instagram foi para possibilitar comparar os influenciadores uma vez que todos tinham perfis nela.

## **5. Conclusão**

Diante das informações observadas nos perfis analisados percebemos que a questão de viver com HIV, mesmo dentre influenciadores, não é necessariamente sua pauta principal. É possível observar que muitos deles se dedicam a construir outros nichos de atuação, o que não necessariamente quer dizer um abandono da causa da AIDS, mas o registro de que suas existências são atravessadas por outras questões para além da sorologia.

Todos os influenciadores de nossa pesquisa foram identificados por meio de pelo menos uma matéria jornalística que tratava de influenciadores que vivem com HIV, isso nos permite afirmar que mesmo que estes não se identifiquem na bio do Instagram como pessoa vivendo com HIV, em algum momento de sua trajetória esta questão foi publicizada.

O uso da roleta permitiu destacar um grupo de influenciadores que não gozam de muitas formas de privilégio se considerarmos gênero, sexualidade e raça, em alguns casos a idade e a religião podem complexificar ainda mais a situação destes. Contudo, se a autodeclaração de raça, idade e orientação fossem observadas nos perfis de todos os 20 influenciadores, é possível que outros fossem priorizados para a análise do eixo das publicações.

Dessa forma, acho válido a utilização da roleta interseccional, por priorizar aqueles indivíduos que mais se expõem dentre aqueles que podem pertencer a um mesmo grupo, mas que ao se exporem menos, também tendem a sofrer menos com as matrizes de opressão.

Além disso, um comentário adicional merece ser feito, pois quando observamos as cinco matérias sobre influenciadores que vivem com o HIV, houve uma predominância de homens cis e pessoas brancas em detrimento de pessoas trans racializadas, inclusive na frequência em que essas pessoas apareceram nas cinco reportagens, ou seja, era mais comum que os mesmos homens e brancos aparecerem em mais de uma matéria. Esse achado corrobora com a discussão no âmbito da interseccionalidade de que certos grupos são invisibilizados, colocados às margens dos espaços de enunciação.

Por fim, vale destacar que foi possível observar que a questão da AIDS é combustível para expressões artísticas performáticas e literárias, parcerias entre influenciadores, construção de um lugar de acolhimento a outras pessoas que estão se descobrindo positivas para o HIV. A resignificação talvez seja a expressão mais apropriada para se falar das formas de engajamento, quando observadas, pois é a construção de uma identidade para as pessoas com sorologia positiva diferente (e substituta) daquela vista nos primeiros anos da doença.

## Referências

BARROSO, Mariana Teixeira. Produção Científica Nacional sobre Mulher e HIV. 2020. 137 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) - Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2020.

BUZZFEED. 15 influenciadores que falam sobre e vivem com HIV para você seguir  
BuzzFeed, [S. l.], [2021?]. BuzzQueer. Disponível em: <https://buzzfeed.com.br/post/influenciadores-que-falam-sobre-e-vivem-com-hiv-para-voce-seguir>. Acesso em 9 mar. 2024.

CARRERA, F. Roleta interseccional: proposta metodológica para análises em Comunicação. E-Compós, [S. l.], v. 24, 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3KGaak7>. Acesso em: 14 mar. 2023.

COLLINS, P. H.; BILGE, S. Interseccionalidade. São Paulo: Boitempo, 2021.

CRENSHAW, K., “Demarginalizing the intersection of race and sex; a black feminist critique of discrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics”. University of Chicago Legal Forum, p. 139-167, 1989.

FERNANDES, Nilo M. Vulnerabilidade ao HIV/AIDS entre casais sorodiscordantes acompanhados no Instituto de Pesquisa Clínica Evandro Chagas/FIOCRUZ 2013. 243f. (Doutorado em Pesquisa Clínica em Doenças Infecciosas) - Fundação Oswaldo Cruz. Instituto de Pesquisa Clínica Evandro Chagas, Rio de Janeiro, 2013

FERNANDES, Paula da Silva. Sobre viver: um estudo da percepção de jovens vivendo com HIV/Aids por transmissão vertical e perinatal sobre sua condição e tratamento. 2018. 97 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) - Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2018.

FRAGA, Livia dos Santos. A Aids no contexto de relações heterossexuais: decisões e práticas preventivas entre casais grávidos vivendo com HIV. 2019. 139 f. Tese (Doutorado em Saúde Pública) - Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2019.

NETO, Alfredo de Oliveira. Internet e HIV/AIDS: o poder da informação e da desinformação. Tese. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. 2015. p.93-102.

PEREIRA, Carla Rocha. A violação dos direitos das pessoas vivendo com HIV/AIDS no Brasil: análise da discriminação no universo do trabalho. 2017. 228 f. Tese (Doutorado em Informação e Comunicação em Saúde)-Fundação Oswaldo Cruz, Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, Rio de Janeiro, 2017.

REIS, Felipe. A importância dos influenciadores na conscientização do HIV/AIDS. Sampi, [S. l.], 01 dez. 2021. Feed. Disponível em: <https://sampi.net.br/sao-jose/noticias/566701/felipe-reis/2021/12/a-importancia-dos-influenciadores-na-conscientizac-o-do-hiv-aids>. Acesso em 9 mar. 2024.

ROCHA, Lucas. 8 coisas que digital influencers que vivem com HIV gostariam que você soubesse. CNN Brasil, São Paulo, 03 dez. 2021. Saúde. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/8-coisas-que-digital-influencers-que-vivem-com-hiv-gostariam-que-voce-soubesse-2/>. Acesso em 9 mar. 2024.

SOUZA, Gisele. 19 anos, Agência Aids: Digitais influencers que vivem com HIV dizem que não faltam informações sobre a doença e sim acesso à informação e educação sexual. Agência AIDS, [São Paulo], 23 mai. 2023. Notícia. Disponível em: <https://agenciaaids.com.br/noticia/digitais-influencers-que-vivem-com-hiv-dizem-que-nao-faltam-informacoes-sobre-a-doenca-e-sim-acesso-a-informacao-e-educacao-sexual/>. Acesso em 9 mar. 2024.

SOUZA, Kátia Ovídia José de; MAKSUD, Ivya Maria Jardim; GAUDENZI, Paula. Narrativas corporais de pessoas vivendo com HIV/AIDS em blogs. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS EM SAÚDE, 8., 2019, João Pessoa. Anais... João Pessoa: ABRASCO, 2019.

UNAIDS. A importância dos influenciadores na conscientização do HIV/AIDS. Unaid, Brasília, 05 jul. 2017. Disponível em: <https://unaid.org.br/2017/07/jovens-youtubers-influenciadores-e-ativistas-digitais-debatem-hiv/>. Acesso em 9 mar. 2024.